



Título : FABULÁRIO

(DRAMATIZAÇÃO DE FÁBULAS CONHECIDAS)

Autor : LUIZ ARTHUR NUNES



NARRADOR : Boa noite para todo o mundo. Nós estamos aqui para contar estórias para vocês. Ouvir contar estórias é uma coisa de que todos gostam, não é verdade? As crianças adoram as estórias que a vovó conta, e todo o mundo, gente grande e gente pequena, gostam de ler estórias, ouvi-las no rádio ou vê-las no cinema e na televisão.

Mas por que contar estórias?

Eu vou responder a essa pergunta com uma estória.

Numa terra distante, vivia um povo contente e em paz. Mas um belo dia, essa paz foi ameaçada por um país vizinho que resolveu declarar guerra e escravizar esse povo tão feliz. Sabendo disso, um homem vai para a praça e se põe a falar em altos brados, avisando a todos do perigo que estão correndo e convocando-os a que se armem para enfrentar o inimigo. Ninguém presta atenção a ele. O homem grita, fica vermelho, gesticula. Nada. As pessoas nem sequer param para escutá-lo. Por fim, ele se cala.

Mas eis que, de repente, tem uma idéia. Respira fundo e recomeça a falar. Uma princesa, um dia, viajava, acompanhada de um sabiá e de um peixinho dourado que ela levava num aquário de cristal. Num dado momento, os três esbarram com um rio. O peixinho atravessa o rio a nado, a andorinha, voando...

Enquanto ele contava essa estória, as pessoas tinham parado para escutar. Quando o homem interrompeu, um guri da multidão gritou:

- O que é que a princesa fez pra atravessar o rio?

Diante disso, o homem, em vez de continuar a estória, exclamou:

- Estou vendo que uma simples estória de crianças interessou a todos, enquanto que ninguém deu importância à notícia terrível de que o nosso país ia ser atacado.

O povo, desde esse momento, passou a escutar atentamente o homem e assim ele conseguiu dizer o que queria.

Com essa estória, eu respondi à pergunta que tinha feito antes: por que contar estórias?

Porque as estórias interessam a todos, e através delas, nós podemos dizer muitas verdades.

São assim as estórias que nós vamos contar pra vocês. Todas elas encerram uma idéia, uma verdade, uma moral, como se diz. Além disso, os seus personagens são todos animais. Essas estórias com bichas e apresentando uma moral no fim, chamam-se fábulas. A primeira fábula que vocês vão ver é bem conhecida: A Cigarra e a Formiga.

Era uma vez uma formiga muito rica e muito pão dura. Ela tinha, dentro do seu formigueiro, uma oficina com formigas empregadas que trabalhavam o dia inteiro para ela. Inverno e verão, quem encostasse o ouvido na terra, escutava os ruídos da oficina e a voz irritada da Formiga dando ordens.

(A cena anima-se. Vê-se as formigas trabalhando.)

FORMIGA : Mais rápido! Que moleza é essa! Vamos lá! Trabalhem! Força!

NARRADOR : O formigueiro ficava num bosque e nesse bosque vivia, des preocupada e feliz, uma cigarra que cantava durante todo o verão:

CIGARRA : No verão, estação legal, a Cigarra
Sai pro céu a voar com a sua guitarra.
(cantado) Muito sol, muito som, muita cor, muita alegria,
Que vida boa que é a vida vadia!

Não quero saber de trabalhar num escritório, não sou
Só quero curtir com muita força essa vida que é muito
E se alguém vier me chatear, me censurar ou meprender,
Eu vou dizer:
Sem essa irmão e vem curtir também!



NARRADOR : Mas como era de se esperar, o inverno chegou, a Cigarra pa-
rou de cantar.

(Cena : a Cigarra tremendo de frio na chuva e no vento)

NARRADOR : Morta de fome e de frio, a Cigarra foi bater à porta da For-
miga para pedir auxílio.

CIGARRA : Dona Formiga !

FORMIGA : Quem é você?

CIGARRA : Eu sou a Cigarra, sua vizinha. Moro no bosque, no andar de-
cima da sua casa.

FORMIGA : E o que é que você quer?

CIGARRA : Sé uns grãosinhos e um agasalho para eu poder agüentar até a
primavera. Eu pago a senhora antes de setembro, palavra de
honra. Com juro e corneção monetária.

FORMIGA : Me diga uma coisa, minha filha. O que é que você fazia no
verão, enquanto eu e as minhas meninas trabalhávamos de sol
a sol?

CIGARRA : Eu ... eu sou muito alegre. Eu cantava. E alegrava os outros
cantando.

FORMIGA : Você cantava ? Pois muito bem. Vá dançar agora também!
(Bate-lhe a porta na cara. A cigarra vai embora desolada.)

NARRADOR : O egoísmo dessa formiga, que só pensava em acumular riqueza
e não quis dar uma migalha sequer à coitada da Cigarra, me-
lembra uma outra fábula, em que aparece um outro bicho -
também muito ganancioso.

Um dia, uma mula, um cavalo, um camelo e um macaco viajavam
por uma estrada. Iam todos à capital, levando um tesouro -
para o rei daquele país, que cobrava dos seus habitantes -
um imposto muito pesado. Numa volta do caminho, encontraram
o Leão. Ninguém ficou muito satisfeito com o encontro, com
exceção do Leão, que exclamou:

LEÃO : - Ah, que bom encontrar com vocês! Eu também tenho de
entregar o meu tributo ao rei e não gosto de viajar sozinho.
Per sinal que já estava ficando muito cansado. Serão que vo-
cês pediam carregar o fardo para mim? Assim vou ficar com
as mãos livres e poder defender vocês em caso de agressão.
Apesar do seu carregamento já ser bastante pesado, os bichos
não tiveram coragem de recusar. Dividiram entre todos as
moedas de ouro que formavam o tesouro do Leão e continuaram
a caminhada.

Lá pelas tantas, chegaram a um vale muito verde, onde estava um rebanho de carneiro. O Leão, vendo isso, imediatamente interromper a viagem.

- Acho que vou para, para descansar um pouco. Os habitantes desse lugar me parecem muito simpáticos e acolhedores. Os bichos puseram-se logo a abrir os sacos para devolver as moedas ao Leão. Vendo toda aquela quantidade de moedas de ouro, o Leão arreganhou os dentes:

- Mas que maravilha! As minhas moedas deram CIA! Eram tão poucas e agora estou vendo tantas iguaizinhas a elas! E como elas me pertencem, as crías dela são minhas também! E assim dizendo, avançou no tesouro dos bichos e deu no pé.

Os coitados foram se queixar ao rei, pedindo justiça, mas não adiantou nada, pois, como diz o ditado, "Leão não come leão e pirata não briga com pirata."

Mas vamos voltar àquele vale verde, cheio de ovelhas, porque é nele que vai se dar a nossa segunda fábula de hoje: O Lobo e o Cordeiro.

Vamos chegar mais perto do rebanho, e observar aquele cordeirinho, bem novinho, brincando de pegar com uma borboleta.

Na afobação de seguir a borboleta, o cordeirinho se afasta para longe do seu rebanho e, sentindo sede, vai beber num regato de água clara.

Perto dali, um lobo, cujo prato preferido era costeletas de carneiro, procura há bastante tempo, alguma coisa para comer.

LOBO : Mas como é que você, reles animal, tem coragem de sujar a água que eu vou beber!

CORDEIRO : Desculpe, moço, mas se o sr. está num lugar mais alto, e a água vem descendo para aqui onde eu estou, como é que eu posso sujá-la?

LOBO : Suja, sim! E além disso, me disseram que você andou fazendo fofoca de mim há uns seis meses atrás.

CORDEIRO : Como? Se eu tenho só três meses de idade, moço?

LOBO : Se não foi você, foi o seu irmão. Não pense que me engana.

CORDEIRO : Mas se eu não tenho irmão nenhum, moço? Meu filho único.

LOBO : Então foi um parente teu : teu pai, tua mãe, teu avô, tua tia, ou então o pastor, teu dono, que me persegue há muito tempo!

NARRADOR : E dizendo isso, o Lobo feroz se atira sobre o cordeiro e arrasta-o para o seu covil. Evidentemente naquela noite, os carneiros deram falta do cordeirinho e ficaram muito tristes. Mas o carneiro chefe do rebanho, suspeitando que aquilo era obra de um Lobo atrevido, reuniu a sua gente e falou:

CARNEIRO : Nós temos que acabar com a raça desse lobo antes que ele acabe com a nossa. Eu sei que ele é forte demais, sozinho. Nem eu nem um de vocês pode dar cabo dele. Mas se dêem com

ta de um fato : nós somos muitos e ele é um só. Se não nos juntarmos todos e formos pra cima dele, garanto que não vai sobrar nem uma migalha desse lobo perverso!



(Aplausos, vivas, apoiados, bravos.)

CARNEIRO : Vamos então esperar que escureça. Hoje ninguém dorme. E quando o lobo aparecer, já sabem : paulele!

(Cena : Cói a noite. Os carneiros começam a ficar com medo. E quando surge a sombra do lobo, todos fogem espavoridos.)

MARRADOR : Uma vez, um pássaro cortava o céu, quando foi atingido - per uma flecha toda enfeitada de plumas coloridas. Caído no chão, ele gemia de dor e dizia:
- Nós mesmos contribuimos para a nossa desgraça. Homens - malvados, de uma raça entre todas a mais malvada! É com as nossas próprias penas que fabricam as flechas assassinas. Mas não zombem de nós, homens, porque lhes cabe a mesma sorte. Desde que o mundo é mundo, uma metade do mundo, à outra metade, sem parar, faz guerra.

Uma vez, um homem, indo por uma estrada, encontrou uma cobra enregelada de frio e abrigou-a dentro do seu casaco. Mas ao recobrar os movimentos, depois de aquecida, a cobra cravou os dentes no peito do seu benfeitor. Desde então, ela é conhecida como o mais ingrato de todos os animais.

Uma outra vez, um outro homem, indo por uma outra estrada, encontrou uma outra cobra.

HOMEM : Te apanhei, bicho nojento e ingrato! Vou te afogar no rio, e nunca mais vais fazer mal a ninguém.

NARRADOR : E lá dentro do saco, a cobra falou:

COBRA : Homem! Homem!

HOMEM : Quem está me chamando?

COBRA : Sou eu, a cobra, aqui dentro do saco.

HOMEM : Ah, és tu, ingrata! O que queres ?

COBRA : Tu me chamas de ingrata e queres me matar... Mata então. Mas antes eu vou te dizer que o animal mais ingrato não é a cobra : é o homem.

HOMEM : Essa é mais uma mentira tua! Mas vou te mostrar que não sou malvado como tu. Vamos então perguntar àquela vaca - quem tem razão. Vamos deixar ela decidir quem é o animal mais ingrato.
Vaca, ó vaca, aqui dentro desse saco tem uma cobra que teve a coragem de afirmar que, de todos os animais, o mais ingrato é o homem.

VACA : Pois ela tem toda a razão! Eu estou aqui pra provar isso. Toda a minha vida eu alimentei a tua família com o meu leite. E agora que estou velha e não tenho mais leite, estou aqui, jogada num canto, sem nenhum punhado de capim.



Garanto que, se a cobra fosse a minha dona, ela não faria isso.

HOMEM : Essa vaca está caduca. Não sabe o que diz. Vamos perguntar àquela árvore.
Árvore, ó árvore, aqui dentro desse saco tem uma cobra que teve a coragem de dizer, digo, de afirmar que, de todos os animais, o mais ingrato é o homem.

ÁRVORE Pois ela disse a verdade. Veja o nosso caso. Nós, árvores, damos sombra quando faz sol, damos abrigo quando chove, enfeitamos o mundo com as nossas flores e alimentamos a todos com as nossas frutas. E em paga de tudo isso, vem um lenhador e nos põe abaixo. Não há dúvida que o Homem é o pai da ingratidão.

HOMEM : E eu aqui, fazendo papel de bobo a escutar todas essas asneiras. Tudo por causa dessa cobra, que quer me convencer que eu não tenho razão. Vou jogá-la no rio e acabar com essa história de uma vez por todas.

NARRADOR : É. A razão dos pequenos é sempre uma ofensa para os grandes.

Vocês devem ter reparado que todas as fábulas que nós contamos aqui têm um final triste. Nós não gostamos desse final. A gente gostaria que elas terminassem de um modo diferente. E vocês?

Quem sabe então a gente mudaria o final de cada fábula? Por exemplo, na estória da Cigarra e da Formiga, como é que vocês queriam que ela terminasse? Em vez da Formiga deixar a Cigarra morrer de frio, o que é que podia acontecer?

Vamos ver então um final diferente para a fábula da Cigarra e da Formiga.

(Repete-se o mesmo diálogo da Cigarra e da Formiga - página 2 - e, na última fala da Formiga.)

FORMIGA : Você cantava? Pois entre e venha cantar aqui também para alegrar o nosso inverno. Vou repartir com você e com as formigas da minha oficina, os grãos que acumulei durante todo o verão. E em vez de umas só trabalharem e outras só cantarem, vamos trabalhar e cantar todas juntas.

(Cena de dança)

NARRADOR : E para melhorar o final da fábula do Lobo e do Cordeiro, como é que a gente faria? Em vez das ovelhas fugirem com medo da sombra do lobo, o que é que podia acontecer? Vamos ver então.

(Cena das ovelhas pondo o Lobo a correr.)

NARRADOR : E se o Homem Ingrato não afogasse a cobra no rio?

(Cena do Homem deixando a cobra em liberdade.)



NARRADOR :

A gente gostaria que não houvesse mais formigas intolerantes, que os leões não roubassem as moedas dos bichos mais fracos, que os cordeiros tivessem força para escorraçar o Jobo, que a metade do mundo não fizesse mais guerra à outra metade, que o homem não fosse o mais ingrato dos animais. A gente gostaria, enfim, que todos os homens e todos os bichos pudessem, numa tarde de domingo, formar uma rã e cantar uma canção bem simples e bem bonita. Assim:

TODOS:

Quando a noite do céu se for indo,
Quando as chuvas e o vento parar,
Vamos ver um sol novo surgindo,
Vamos ver a manhã despertar.

FIM